

# EDUCAÇÃO FINANCEIRA FAMILIAR: UMA CONTRIBUIÇÃO QUANTO ÀS PERCEPÇÕES DE PLANEJAMENTO, RESERVA E FALTA DE DINHEIRO

Family financial education: a contribution to the perceptions of planning,  
reservation and lack of money

Angélica Ferrari<sup>1</sup>; Aldecir José Theodoro<sup>2</sup>; Idionir Scalabrin<sup>3</sup>; Edson Luis Kammler<sup>3</sup>;  
Paulo Roberto Giollo<sup>3</sup>.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Ciências Contábeis. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim. *E-mail*: angelica\_f@outlook.com.br

<sup>2</sup> Professor e Coordenador do Curso de Ciências Contábeis. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim.

<sup>3</sup> Professor do Curso de Ciências Contábeis. Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões - URI Erechim.

Data do recebimento: 09/02/2018 - Data do aceite: 10/05/2018

**RESUMO:** Uma adequada gestão financeira possibilita às pessoas tomarem decisões econômicas eficientes. O objetivo deste estudo foi descrever a percepção de um grupo de pessoas quanto ao planejamento financeiro e à reserva de dinheiro, justificando-se por oferecer uma contribuição para avaliação, conhecimento e percepções comportamentais relacionadas às decisões e utilização dos recursos financeiros dos grupos familiares. A metodologia utilizada foi uma pesquisa *survey* descritiva, sendo os dados coletados por meio de questionário aplicado, pelo critério de acessibilidade, a uma amostra de 108 colaboradores, de uma população de 400, em uma empresa do segmento de móveis para escritório. O instrumento foi validado pelo alpha de *Cronbach*, obtendo um índice de 0,68, considerado aceitável. A limitação do estudo se dá ao apresentar resultados de único grupo econômico e de uma mesma cultura organizacional. Dentre os principais resultados destaca-se que o grupo que participa de eventos relacionados a finanças pessoais possui maior aderência ao planejamento e controle financeiro, sendo que o grupo que possui formação superior também exerce um maior controle das finanças. Outro achado foi que características pessoais ou familiares, como nível de ensino e renda,

são fatores que podem determinar atitudes, comportamento e prioridades nas decisões financeiras.

**Palavras-chave:** Educação Financeira. Orçamento Familiar. Finanças Pessoais.

**ABSTRACT:** A suitable financial management enables people to make efficient economic decisions. The aim of this study was to describe the perception of a group of people, regarding financial planning and the reserve of money. The project rests on offering a contribution to evaluation, knowledge and behavioral perceptions related to the decisions and use of the family groups' financial resources. The methodology used was a descriptive survey, the data were collected through a questionnaire applied by the accessibility criterion to a sample of 108 employees, out of a population of 400, in an office furniture segment company. The instrument was validated by Cronbach's alpha, obtaining an index of 0.68, being considered acceptable. The limitation of the study is given when presenting results of one economic group alone and the same organizational culture. Among the main results, it is noticed that the group that participates in events related to personal finances has greater adherence to planning and financial control, also the group that presents a higher education exercises a greater control of finances; another finding was that, personal or familiar characteristics, such as education and income, are factors that may determine attitudes, behavior and priorities in financial decisions.

**Keywords:** Financial Education. Family Budget. Personal Finances.

## Introdução

Ao buscar-se maior conhecimento sobre como os indivíduos se adaptam e organizam a sua vida financeira, observa-se a dificuldade que há em manter os gastos e os ganhos pessoais, ou do grupo familiar, alinhados para que não haja um prejuízo financeiro ao término do mês. Ao gastarmos nossas rendas, nem sempre são analisadas as finalidades de cada compra, pois, além de buscar a satisfação das necessidades básicas, somos movidos pelo impulso e desejo de alcançar padrões sociais preestabelecidos.

Como em qualquer entidade, dentro de um grupo familiar administrar os recursos é

de extrema importância para que se construa uma base de quanto, como e por que gastá-los. Observa-se que as fragilidades econômicas têm afetado os mais diferentes níveis da sociedade. Assim, torna-se oportuna a necessidade de planejar e organizar os gastos, criando reservas para enfrentar os possíveis imprevistos e deixar o grupo familiar em uma situação econômica favorável em períodos de crise.

Neste sentido, o presente estudo tem como objetivo avaliar qual a percepção dos colaboradores em uma empresa do segmento de móveis para escritório do norte do Rio Grande do Sul quanto ao planejamento financeiro e a reserva de dinheiro. Optou-se por

avaliar este grupo por a empresa fornecer aos colaboradores interessados palestras na área de educação financeira, tendo este assunto como uma de suas preocupações para melhorar a vida financeira dos mesmos.

Pesquisa sobre o endividamento e inadimplência do consumidor divulgada pela Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo – CNC (2016) dão conta de que houve um aumento, nos últimos meses do ano de 2016, no número de famílias que se encontram em situação de endividamento, atingindo um índice de 58,2%. Assim, justifica-se este estudo, a partir de indicadores apresentados à sociedade sobre o assunto, por oferecer sua contribuição para a identificação das características comportamentais na área financeira dos mais distintos grupos familiares e demonstrar as competências em relação às decisões sobre a utilização de recursos financeiros. Por fim, evidencia-se a importância da educação financeira para um adequado planejamento dos ganhos e gastos nas mais diferentes famílias de uma sociedade.

A limitação do estudo se dá por apresentar dados correspondentes aos funcionários de uma única empresa, na qual todos vivem a mesma cultura organizacional. Como sugestão para estudos futuros, considera-se interessante o desenvolvimento de pesquisas na mesma linha de objetivo, mas que incluam mais organizações, para que se torne possível fazer um comparativo entre ambientes e culturas distintas, pois, conforme explicam Gusmão, Kuhl e Valer (2016), considerando o Brasil como um país multicultural, realidades socioeconômicas, demográficas, culturais e diferenças regionais impactam nos níveis de educação e desenvolvimento econômico. Além disso, abre-se a possibilidade de identificar como acadêmicos compreendem a educação financeira diante de questões que envolvam risco ou questões comportamentais para que se desenvolvam

sugestões de possíveis programas ou cursos de extensão na área.

## Referencial Teórico

Estudos da *Organisation for Economic Cooperation and Development* – OECD (2013) indicam que a educação financeira pode beneficiar a todas as pessoas, independentemente do nível de renda ou idade, possibilitando, ainda, uma ferramenta básica de planejamento, controle e poupança de modo que suas despesas fiquem controladas. Isso permite que as famílias passem a ser mais disciplinadas na gestão financeira do grupo familiar.

A educação financeira é motivadora de estudos nas mais diversas épocas econômicas e educacionais. No início dos anos 60, Becker (1967) define educação financeira como o conhecimento da economia, que advém do resultado de treinamento específico, experiências e habilidades adquiridas pelas pessoas.

Godwin (1990), ao estudar a gestão financeira familiar, concluiu que as famílias tinham maior patrimônio líquido quando estimavam suas receitas e despesas domésticas, calculavam seu patrimônio líquido regularmente, revisavam e avaliavam seus gastos, expressavam metas financeiras explícitas e tinham planos relativamente concretos para alcançá-los. De um modo geral, ele afirmou que a gestão financeira familiar tinha por objetivo melhorar o bem-estar financeiro do grupo familiar.

Já no estudo de Bayer, Bernheim e Scholz (1996), os achados foram de que a educação financeira no local de trabalho pode exercer uma forte influência nas decisões financeiras pessoais. Além disso, levantou-se a possibilidade de que os reforços das capacidades de decisão na área financeira, em oposição às competências do mercado de trabalho, po-

dem contribuir para um retorno econômico significativo na educação.

Em estudo realizado por Lange e Byrd (1998) sinalizou-se que, independentemente da idade, os indivíduos que têm limitações financeiras demonstram que possíveis dificuldades influenciam no seu bem-estar psicológico. Concluiu-se, ainda, que os problemas concretos do estresse financeiro diário afetam a capacidade de gerenciamento ou controle das situações financeiras. Além disso, os autores afirmaram que em uma situação de dificuldade financeira os indivíduos podem até ser capazes de lidar com os problemas associados ao estresse financeiro diário, mas talvez não consigam lidar efetivamente com as dificuldades contínuas associadas ao estresse financeiro.

Já no estudo sobre a perspectiva econômica do uso da poupança para a aposentadoria na Alemanha e no Reino Unido, Oehler e Werner (2008) mostraram que a educação financeira sob a forma de aconselhamento e formação pode ser eficaz no sentido de induzir à mudança de comportamento.

Estudos realizados por Vieira, Batalgia e Sereia (2011), com alunos de uma universidade, afirmaram que a formação acadêmica contribui nas decisões financeiras dos indivíduos. Contudo, existem outras fontes de conhecimento que são também relevantes, como a experiência prática e a família. No mesmo sentido, em um estudo com estudantes do curso de Ciências Contábeis de uma universidade, Lizote e Verdinelli (2014) concluíram que alunos que trabalham mostram possuir maiores conhecimentos sobre educação financeira, sendo que este conhecimento aumenta à medida que avançam nos seus estudos. Outro fator evidenciado é que os estudantes que têm maiores rendimentos gerenciam melhor os empréstimos e financiamentos, enfrentando de maneira mais adequada suas dívidas e a gestão de seus ativos.

Os estudos de Clancy, Grinstein-Weiss e Schreiner (2001) e Bessa, Fermiano e Dene-gri (2014) apontaram que, entre os respondentes, aqueles que já participaram de um maior número de horas-aula de educação financeira melhor gerenciavam seus recursos, logo os fatores como escolarização, gênero e nível socioeconômico podem influenciar a compreensão dos fenômenos econômicos e o desenvolvimento de hábitos e atitudes em relação ao endividamento.

Estudo realizado por Miotto e Parente (2015) expôs que existem peculiaridades sobre o comportamento de gestão financeira entre as famílias de classe média baixa no Brasil, como: foco inadequado para controle, utilização de limites de cartão de crédito como um dispositivo de controle financeiro, foco fraco ou não existente no curto ou longo prazo de planejamento. Além disso, os autores explicaram que a falta de conhecimento e habilidade em lidar com questões orçamentárias, juros, investimentos, empréstimos e outros serviços bancários, eventualmente, levam os consumidores a incorrer em erros que podem ter consequências graves para a sua situação financeira. Concluíram que políticas públicas devem ser desenvolvidas para educar os consumidores e incentivar o planejamento financeiro das famílias, de uma forma que melhore hábitos de poupança e o conhecimento dos benefícios das reservas de recursos para as necessidades futuras.

Em estudo realizado por Potrich, Vieira e Kirch (2015), com o objetivo de desenvolver um modelo que explique o nível de alfabetização financeira dos indivíduos a partir de variáveis socioeconômicas e demográficas, concluiu-se que há a existência de uma relação de dependência entre a alfabetização financeira e as variáveis gênero, existência de dependentes, ocupação, escolaridade e renda. Os autores ainda expuseram em suas conclusões que há certa urgência e necessi-

dade de serem desenvolvidas ações efetivas para minimizar o problema do analfabetismo financeiro.

De acordo com o estudo de Gorla, Dal Magro, Silva e Nakamura (2016), o nível de educação financeira dos alunos sobre os aspectos individuais, demográficos e de socialização, fazem emergir que há um amadurecimento dos alunos para o planejamento financeiro com o avanço no tempo de ensino médio. O estudo possibilitou, também, concluir que parte dos jovens não são obrigados a explicar aos pais em que estão gastando seus recursos financeiros, pois não há no ambiente familiar o hábito do diálogo sobre os assuntos financeiros.

Estes também afirmaram que os estudantes de famílias com maiores rendas apresentam maior nível de educação financeira, visto que guardam seus recursos e gastam conforme planejado. Além disso, foi identificada menor contribuição de grupos familiares maiores, justo dos quais poderia se esperar uma maior colaboração na educação financeira.

## Planejamento e Endividamento

Planejar é algo que se faz antes de agir, isto é, uma tomada antecipada de decisão. É um processo de decidir o que fazer e como fazê-lo, antes que se requeira uma ação, que deve manter-se de maneira contínua, conforme evidencia Ackoff (1975). No mesmo sentido, quando tratamos de orçamento doméstico este tem por objetivo retratar todas as receitas e despesas, de um único indivíduo ou dos vários membros de uma família, de maneira dinâmica, possibilitando a utilização efetiva dos seus ganhos e proporcionando um equilíbrio financeiro.

Segundo Frezatti (2009), o orçamento é o plano financeiro para implementar a estratégia da empresa para determinado período.

É mais do que uma simples estimativa, pois deve estar baseado no compromisso dos gestores em termos de metas a serem alcançadas. De uma maneira simplificada, a palavra orçamento é utilizada para designar o cálculo das receitas e gastos de uma organização ou grupo familiar.

Segundo Ferreira (2010), controlar os gastos correntes mensais por meio de uma ferramenta eficiente é essencial para análise e visualização do futuro orçamento. Ao apresentar a realidade financeira de uma família diante de uma simples versão de uma demonstração das rendas evidenciando os seus ganhos e despesas, o orçamento doméstico conseguirá demonstrar em quais pontos é necessário economizar.

A etapa estratégica de organizar o orçamento doméstico proporciona a oportunidade de gerar acumulações de bens e valores, que formarão um patrimônio estável, o qual transmitirá segurança diante dos acontecimentos do dia a dia. Ao encontrar uma estabilidade, o grupo familiar agirá com mais tranquilidade e coerência diante das decisões financeiras que se fizerem necessárias.

O endividamento ou desequilíbrio financeiro ocorre quando o volume de operações passa a ser tão grande que torna-se desproporcional ao seu capital de giro, conforme explica Costa (2003). Além disso, o autor expõe que o endividamento pode ser considerado sadio quando este é feito com o objetivo de complementar capital próprio, como ampliação ou modernização. Entretanto, se o motivo para recorrer à dívida for para pagar outras, este não gerará recursos, surgindo a necessidade de manter um ciclo vicioso de endividamento.

O mesmo ocorre quando nos referimos ao endividamento familiar em que, de acordo com Brodbeck (2013), o patamar saudável de endividamento máximo é de 30% da renda. Mesmo assim, é preciso ter planejamento

e responsabilidade para que as contas não fujam do controle.

O círculo vicioso do uso de créditos fáceis, como empréstimos consignados, cheques especiais e cartões de crédito causam situações difíceis de serem resolvidas e que ocasionam nomes negativados e dívidas intermináveis. Entretanto, o endividamento familiar não depende, necessariamente, da renda do grupo familiar, mas sim de uma questão de planejamento e organização dos recursos. O não controle do que se está gastando, ou até mesmo este sendo feito de uma maneira errônea, expõe a família a situações difíceis de serem resolvidas em um curto prazo, tanto em relação aos endividamentos como aos desentendimentos e conflitos familiares.

## Educação Financeira

A educação financeira é o modo pelo qual o indivíduo busca adquirir conhecimentos que facilitem o gerenciamento de suas finanças e a tomada de decisões sobre elas. É ter capacidade de gerenciar de forma correta as receitas, tomando decisões essenciais quanto ao uso dos recursos disponíveis e visando aos acontecimentos de hoje, mas não deixando de pensar no futuro.

Remund (2010) definiu a alfabetização financeira como a medida do grau em que um indivíduo entende os principais conceitos financeiros e possui a habilidade e confiança para administrar, de forma apropriada, suas finanças pessoais, por meio de decisões de curto prazo e planejamento financeiro de longo prazo, em meio aos eventos que ocorrem em sua vida e às mudanças de condições econômicas.

Uma adequada gestão de um investimento se dá, primeiramente, pela construção de um planejamento coerente que demonstre a situação de seus recursos, o que já encontra-se

comprometido e o que está disponível para investir. O sucesso financeiro, conforme evidencia Costa (2004), está no gerenciamento correto das finanças pessoais. Aquele que consegue realizar e planejar com eficiência a vida financeira também é capaz de realizar reservas significantes, obtendo segurança no momento de necessidade e sustentabilidade em longo prazo. Este mesmo indivíduo também tem a competência e toda a instrução necessária de procurar bons investimentos sem precisar endividar-se para conquistar aquilo que deseja.

## Metodologia

O estudo está delineado quanto aos objetivos por uma pesquisa descritiva, quanto aos procedimentos por uma pesquisa *survey* e a coleta de dados deu-se por meio de questionário composto por perguntas abertas e fechadas, o qual foi validado de acordo com os coeficientes alpha de *Cronbach*, obtendo um alpha de 0,68, o qual está muito próximo de 0,7 sugerido como o valor mínimo aceitável do alpha (STREINER, 2003). Quanto à abordagem do problema, trata-se de um estudo qualitativo, utilizando-se de estatística descritiva. A população compreende 400 colaboradores, sendo estratificada uma amostra de 108 respondentes pelo critério de acessibilidade, atingindo um nível de confiança de 90% e um erro amostral de 7%. O estudo foi aplicado em uma empresa do segmento de móveis para escritório do norte do Rio Grande do Sul para os colaboradores de todos os níveis hierárquicos. O projeto de pesquisa foi submetido à apreciação do Comitê de Ética da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, URI Erechim, e aprovado conforme parecer substanciado do CEP nº 1.616.516. Os achados da pesquisa limitam-se à população objeto de estudo.



| <b>Tabela I - Distribuição da frequência das características sociodemográficas</b> |                                   |          |          |
|--|-----------------------------------|----------|----------|
| <b>Variável</b>  |                                   | <b>N</b> | <b>%</b> |
| <b>Gênero</b>  | Feminino                          | 53       | 49%      |
|  | Masculino                         | 55       | 51%      |
| <b>Faixa Etária</b>  | Até 31                            | 61       | 56%      |
|  | De 32 a 38                        | 22       | 20%      |
|  | De 39 a 45                        | 14       | 13%      |
|  | Acima de 46                       | 11       | 10%      |
| <b>Nível de Escolaridade</b>   | Ensino Fundamental                | 15       | 14%      |
|  | Ensino Médio                      | 43       | 40%      |
|  | Ensino Superior                   | 50       | 46%      |
| <b>Composição do grupo familiar</b>  | Uma                               | 6        | 6%       |
|  | Duas                              | 19       | 17%      |
|  | Três                              | 36       | 33%      |
|  | Acima de quatro                   | 47       | 44%      |
| <b>Renda Mensal</b>  | Até R\$ 2.000,00                  | 13       | 12%      |
|  | Entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 | 20       | 19%      |
|  | Entre R\$ 3.001,00 e R\$ 4.000,00 | 33       | 31%      |
|  | Acima de R\$ 4.001,00             | 42       | 39%      |
| <b>Participação em Palestras</b>   | Sim                               | 55       | 51%      |
|  | Não                               | 53       | 49%      |
| <b>TOTAL DE RESPONDENTES</b>   |                                   | 108      | 100%     |

## Análise e Interpretação dos Dados

As questões utilizadas na pesquisa serão apresentadas a partir de sua descrição e análises das frequências em relação a cada resposta. Na Tabela I estão evidenciadas as frequências das características sociodemográficas dos respondentes.

Do total de respondentes encontrou-se 53 do gênero feminino e 55 do gênero masculino, quanto à faixa etária 56% tem até 31 anos, 20% até 38 anos e 23% entre 39 a 46 anos. Em relação à escolaridade, 14% possui ensino fundamental, 40% ensino médio e 46% possui ensino superior. Já a composição do grupo familiar dos respondentes evidenciou que em 6 deles o grupo familiar é formado por apenas uma pessoa, para 19 respondentes é formado por duas pessoas, para 36 respondentes é formado por três pessoas e o maior número, 47 respondentes,

possuem um grupo familiar com mais de 4 pessoas.

Ao mesmo tempo a renda do grupo familiar dos respondentes é assim formada: 12% percebem até R\$ 2.000,00, 19% percebem até R\$ 3.000,00, 31% mantêm uma remuneração de até R\$ 4.000,00 e, por fim, 39% percebem acima de R\$ 4.001,00. Observou-se, então, que 51% dos participantes participaram de palestras de educação financeira.

Posteriormente, buscou-se conhecer o perfil daqueles que já participaram de palestras. Os resultados são apresentados na Tabela II.

Observou-se que, dos participantes de palestras sobre educação financeira, 53% são do gênero masculino e 47% do gênero feminino, quanto à escolaridade predomina o nível superior, com 56%, seguido pelo ensino médio, com 31%, e fundamental, com 13%.

**Tabela II** - Participação em palestras de educação financeira

| Variável                          |                       | N                | %         |
|-----------------------------------|-----------------------|------------------|-----------|
| <b>Participação em Palestras</b>  | Gênero                | Feminino         | 26<br>47% |
|                                   |                       | Masculino        | 29<br>53% |
|                                   | Nível de Escolaridade | Fundamental      | 7<br>13%  |
|                                   |                       | Médio            | 17<br>31% |
|                                   |                       | Superior         | 31<br>56% |
|                                   | Planeja as Compras    | Sim              | 51<br>93% |
|                                   |                       | Não              | 4<br>7%   |
|                                   | Controla os Gastos    | Sim              | 38<br>69% |
|                                   |                       | Não              | 17<br>31% |
|                                   | Renda Mensal          | Até R\$ 2.000,00 | 5<br>9%   |
| Entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 |                       | 8<br>15%         |           |
| Entre R\$ 3.001,00 e R\$ 4.000,00 |                       | 15<br>27%        |           |
| Acima de R\$ 4.001,00             |                       | 27<br>49%        |           |

**Tabela III** - Escolaridade daqueles que reservam dinheiro

| Nível de Escolaridade | Número total de respondentes | Respondentes que afirmam reservar dinheiro | Percentual de respondentes que reservam dinheiro |
|-----------------------|------------------------------|--|--|
| Fundamental           | 15                           | 12   | 80,0%  |
| Médio                 | 43                           | 34   | 79,1%  |
| Superior              | 50                           | 44   | 88,0%  |

Pode-se inferir que do grupo que afirmou participar de palestras, exercem o planejamento de gastos 93% do grupo estratificado, porém apenas 69% controlam os gastos do grupo familiar, por fim os participantes de palestras sobre o assunto possuem renda mensal acima de R\$ 3.001,00, o que representa um percentual de 76%.

Na sequência das análises buscou-se identificar a influência do nível de escolaridade na realização de reserva de dinheiro por parte dos respondentes. Na Tabela III estão evidenciados os resultados encontrados pelo estudo.

A partir da comparação do nível de escolaridade com o hábito de reservar parte de seus recursos, evidenciou-se que 80% dos respondentes que apresentam nível fundamental conseguem reservar dinheiro, ao observar o nível médio encontrou-se um percentual de 79,1% que reservam seus recursos. Tal situação permite inferir que em ambos os

níveis de escolaridade os indicadores se mantêm próximos por não ser transmitido no ensino conhecimentos relacionados à área das finanças pessoais. Já ao observar o nível superior, verifica-se uma leve elevação no índice, alcançando 88% dos respondentes. Esta situação pode ser decorrente do enfoque que algumas disciplinas ministradas na graduação fornecem sobre a gestão dos recursos pessoais.

Confirmam-se os estudos realizados por Clancy, Grinstein-Weiss e Schreiner (2001) e Lyons (2008), os quais afirmaram que o objetivo da educação financeira é tornar as pessoas mais conscientes das oportunidades financeiras, escolhas e possíveis consequências.

Buscou-se, então, relacionar o planejamento das compras com a média da renda mensal do grupo familiar. Os resultados foram tabulados na Tabela IV.



**Tabela IV** - Planejamento das compras de acordo com renda mensal

| Renda Mensal                      | Número total de respondentes | Respondentes que afirmam planejar as compras | Percentual de respondentes que planejam as compras |
|-----------------------------------|------------------------------|--|--|
| Até R\$ 2.000,00                  | 13                           | 12   | 92,3%  |
| Entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 | 20                           | 17   | 85,0%  |
| Entre R\$ 3.001,00 e R\$ 4.000,00 | 33                           | 31   | 93,9%  |
| Acima de R\$ 4.001,00             | 42                           | 39   | 92,9%  |

**Tabela V** - Respondentes que necessitaram de dinheiro

| Variável                 |                              | Nº Total                          | Nº Variável | %  |       |
|--------------------------|------------------------------|-----------------------------------|-------------|----|-------|
| <b>Falta de Recursos</b> | Faixa Etária                 | Até 31                            | 61          | 29 | 47,5% |
|                          |                              | De 32 a 38                        | 22          | 14 | 63,6% |
|                          |                              | De 39 a 45                        | 14          | 9  | 64,3% |
|                          |                              | Acima de 46                       | 11          | 4  | 36,4% |
|                          | Composição do Grupo Familiar | Uma                               | 6           | 3  | 50,0% |
|                          |                              | Duas                              | 19          | 13 | 68,4% |
|                          |                              | Três                              | 36          | 15 | 41,7% |
|                          | Renda Mensal                 | Acima de quatro                   | 47          | 25 | 53,2% |
|                          |                              | Até R\$ 2.000,00                  | 13          | 6  | 46,2% |
|                          |                              | Entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 | 20          | 12 | 60,0% |
|                          |                              | Entre R\$ 3.001,00 e R\$ 4.000,00 | 33          | 18 | 54,5% |
|                          |                              | Acima de R\$ 4.001,00             | 42          | 20 | 47,6% |

Observou-se que em todas as faixas de renda os respondentes afirmam que realizam o planejamento das suas compras. Essa situação permite afirmar que, embora haja um acréscimo nos valores da renda mensal, a importância e necessidade de planejar as compras continua presente na rotina dos grupos familiares, ressaltando a sua relevância.

Além disso, ao tomar como referência a renda entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 observa-se que, ao ocorrer um pequeno acréscimo na renda do grupo familiar, se reduz o percentual de planejamento, um dos motivadores desta situação pode ser o recebimento de certo valor a mais e, por possuir um conhecimento mais limitado sobre finanças, há a dedução de que não é mais necessário planejar. Contrariamente a isto, ao haver renda mensal a partir de R\$ 3.001,00, o planejamento volta a ser realizado com maior frequência, tendo como possível consequência o fato dos respondentes apre-

sentarem maior conhecimento, e tornando possível a realização de investimentos mais complexos.

Os achados podem ser alinhados à afirmação de Securato (2002), o qual relata ser indispensável que seja efetivado o planejamento financeiro pessoal, pois quando o indivíduo realiza investimentos em ativos ele pode identificar a melhor maneira de utilizar seus créditos, de forma que não assuma riscos maiores que sua capacidade financeira e, no caso de eventual crise, encontre uma forma de se manter diante do mercado.

A partir destas características buscou-se saber se em algum momento ocorreu a falta de dinheiro no grupo pesquisado. Os indicadores estão descritos na Tabela V.

Percebeu-se que a falta de recursos se dá com maior incidência em respondentes entre 32 e 45 anos, fato que pode estar relacionado à estruturação da carreira e da família que ocasionam gastos extras, precisando de um

maior planejamento. Em relação à composição do grupo familiar verifica-se a falta de recursos com maior índice em grupos com duas pessoas com 68,4% e, em relação à renda, a falta de recursos se dá entre R\$ 2.001,00 e R\$ 4.000,00 com índices de 60,0% e 54,5%, respectivamente.

O índice de 60,0% correspondente à renda mensal entre R\$ 2.001,00 e R\$ 3.000,00 comprova o exposto na Tabela IV, na qual, na mesma faixa de renda, demonstrou-se a redução nos índices de planejamento.

Estes achados confirmam o estudo de Dolvin e Templeton (2006), em que os programas de educação financeira estimulam o desenvolvimento de conhecimento, aptidão e habilidades, formando indivíduos críticos, informados sobre os serviços financeiros disponíveis e preparados para administrar as suas finanças de maneira eficaz.

Ao mesmo tempo, no estudo de Halfed (2006), o autor concluiu que a falta de estratégia financeira é oriunda da incapacidade de gestão financeira pessoal e impede a manutenção e acumulação de valores e bens no longo prazo.

Outro fator evidenciado na tabela pode ser explicado de acordo com Lyons (2008), o qual afirma que indivíduos inexperientes ou com conhecimentos financeiros limitados, e com atitudes e comportamentos irresponsáveis, podem não entender conceitos financeiros básicos como, por exemplo, o efeito cumulativo da taxa de juros sobre a dívida no cartão de crédito, aumentando o risco de má gestão dos recursos e de problemas financeiros.

## Considerações Finais

Este estudo teve por objetivo avaliar qual a percepção dos respondentes quanto ao planejamento financeiro e a reserva de dinheiro.

De modo geral, houve uma proporcionalidade entre respondentes do gênero masculino e feminino e a maioria dos respondentes está na faixa até 31 anos. As análises preliminares indicam que a participação em palestras ou cursos sobre educação financeira ocasiona o aumento do número de pessoas que mantêm o hábito de planejar as compras e controlar os gastos. Além disso, quanto maior a renda do grupo familiar, maior o interesse na participação em palestras.

Todos os níveis de escolaridade apresentam o hábito de reservar dinheiro, mas respondentes com nível superior demonstram maior frequência, fato que pode estar relacionado ao enfoque que algumas disciplinas ministradas na graduação fornecem sobre a gestão dos recursos pessoais.

O planejamento das compras é realizado na grande maioria dos grupos familiares, independentemente da renda mensal mantida, mas destaca-se que pequenas elevações nos rendimentos e um baixo conhecimento sobre a área das finanças causam possível conforto diante da realização do controle e acompanhamento de seus recursos.

Situações de inadimplência ou momentos de falta de dinheiro ocorrem predominantemente na faixa etária que abrange a estruturação da carreira e da família, entre 32 e 45 anos. Como ponto relevante, é verificado que na mesma faixa de renda mensal em que ocorre uma diminuição nos índices de planejamento há um aumento de situações que envolvem falta de recursos.

Características pessoais ou familiares, como nível de ensino e renda, são fatores que podem determinar atitudes e prioridades na tomada de decisões financeiras. Quanto à educação financeira, pode-se afirmar que há uma preocupação em controlar e acompanhar as movimentações financeiras pessoais, porém não há o conhecimento necessário para esta atividade.

Entende-se que há uma necessidade de maiores ações para construir uma educação

financeira mais equilibrada em todas as classes sociais e faixas etárias. Está tornando-se necessário intensificar a divulgação de informações sobre o assunto para amenizar problemas futuros por uma não adequada administração dos próprios recursos.

A contribuição do estudo se deu no sentido de expor a importância da educação finan-

ceira para a realização de um planejamento das ações financeiras em grupos familiares, independentemente de suas características. Além disso, nota-se uma contribuição por identificar que há uma preocupação entre as pessoas de manter um controle dos recursos, mas muitas vezes esse controle acaba por não ser eficaz.

## REFERÊNCIAS

- ACKOFF, R. L. **Planejamento Empresarial**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A, 1975.
- BAYER, P. J.; BERNHEIM, B. D.; SCHOLZ, J. K. **The effects of financial education in the workplace: evidence from a survey of employers**. NBER Working Paper Issue 5655, Cambridge, MA: NBER, 1996.
- BECKER, G. S. **Human capital and the personal distribution of income: An analytical approach**. Institute of Public Administration, 1967.
- BESSA, S.; FERMIANO, M. B.; DENEGRÍ, M. C. Compreensão econômica de estudantes entre 10 e 15 anos. **Psicologia e Sociedade**, v. 26, n. 2, p. 410-419, 2014.
- BRODBECK, P. Qual deve ser o limite do endividamento familiar. **Jornal Gazeta do Povo**, 18 mar. 2013.
- CLANCY, M.; GRINSTEIN-WEISS, M.; SCHREINER, M. **Financial education and savings outcomes in individual development accounts**. Working Paper 01-2. St. Louis, MO: Center for Social Development, Washington University, 2001.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DO COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor, set. 2016.
- COSTA, M. C. **Finanças pessoais: um estudo de arte**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, São Paulo, SP, 2004.
- COSTA, W. F. **O endividamento e seus reflexos no desequilíbrio econômico e financeiro das empresas brasileiras**. Artigo Acadêmico do Curso de Ciências Contábeis, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2003.
- DOLVIN, S. D.; TEMPLETON, W. K. Financial education and asset allocation. **Financial Services Review**, v. 15, n. 3, p. 133-149, 2006.
- FERREIRA, A. J. **A importância do controle de gastos domésticos**. Monografia de Conclusão de Pós-Graduação em Finanças e Gestão Corporativa, Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, RJ, 2010.
- FREZATTI, F. **Orçamento empresarial**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2009.
- GODWIN, D. D. Family financial management. **National Relations Family Relations**, v. 39, n. 2, p. 221-228, 1990.

GORLA, M. C.; DAL MAGRO, C. B.; SILVA, T. P.; NAKAMURA, W. T. A educação financeira dos estudantes do ensino médio de rede pública segundo aspectos individuais, demográficos e de socialização. In: XVI Congresso USP Controladoria e Contabilidade, 2016, São Paulo, SP, Brasil. **Anais...** São Paulo, 2016. Disponível em: < <http://www.congressosp.fipecafi.org/anais/artigos162016/299.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

GUSMÃO, I. B.; KUHL, M. R.; VALER, T. Alfabetização Financeira: evidências e percepções em uma cooperativa de crédito. **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, v. 11, n. 2, 2016.

HALFED, M. **Investimentos**: como administrar melhor seu dinheiro. São Paulo: Fundamento Educacional, 2006.

JOO, H.; GRABLE, J. E. An exploratory framework of the determinants of financial satisfaction. **Journal of Family and Economic Issues**, v. 25, n. 1, p. 25-50, 2004.

LANGE, C.; BYRD, M. The relationship between perceptions of financial distress and feelings of psychological well-being in New Zealand university students. **International Journal of Adolescence and Youth**, v. 7, n. 3, p. 193-209, 1998.

LIZOTE, S. A.; VERDINALLI, M. A. Educação financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre finanças pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. In: XIV Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 2014, São Paulo, SP, Brasil. **Anais...** São Paulo, 2014. Disponível em: < <http://www.congressosp.fipecafi.org/anais/artigos142014/442.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

LYONS, A. C. Risky credit card behavior of college. **Handbook of Consumer Finance Research**, p. 185-207, 2008.

MIOTTO, A. P.; PARENTE, J. Antecedentes e consequências do gerenciamento das finanças domésticas na classe média baixa brasileira. **Revista de Administração de Empresas**, v. 55, n. 1, p. 50-64, 2015.

OEHLER, A.; WERNER, C. Saving for retirement – A case for financial education in Germany and UK? An economic perspective. **Journal Consum Policy**, v. 31, n. 3, p. 253-283, 2008.

ORGANISATION FOR ECONOMIC COOPERATION AND DEVELOPMENT (OECD). **Financial literacy and inclusion**: Results of OECD/INFE survey across and by gender. Paris, France: OECD Centre, 2013.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade e Finanças**, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015.

REMUND, D. Financial literacy explicated: the case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **The Journal of Consumer Affairs**, v. 44, n. 2, p. 276-295, 2010.

STREINER, D. L. Being inconsistent about consistency: when coefficient alpha does and doesn't matter. **Journal of Personality Assessment**, v. 80, n. 3, p. 217-222, 2003.

VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação financeira e decisões de consumo, investimento e poupança: uma análise dos alunos de uma universidade pública do norte do Paraná. **Revista de Administração da Unimep**, v. 9, n. 3, p. 61-86, 2011.